

Frutose e risco cardiovascular em indivíduos com preservação da cultura germânica: Estudo SHIP-BRAZIL

Nagila Raquel Teixeira Damasceno, Tatiana Maria Amaral Zappa

Depto. de Nutrição, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo

O atual padrão alimentar brasileiro é caracterizado pelo elevado consumo de alimentos industrializados, com alta densidade calórica e rico em açúcares de adição, onde se destaca o elevado consumo de sacarose e, conseqüentemente, de glicose e frutose pode modificar diversos fatores de risco cardiometabólicos, aumentando o risco cardiovascular. O objetivo deste estudo foi avaliar o papel da frutose no risco cardiovascular em descendentes alemães que mantêm a cultura germânica preservada. Trata-se de um estudo com dados primários do momento basal da Coorte “Vida e Saúde em Pomerode (SHIP-BRAZIL)” baseado na avaliação direta de dados socioeconômicos, culturais, clínicos e dietéticos (Questionário de frequência alimentar). Com base na avaliação fenotípica (etnia autodeclarada) e comportamentos sociais (falar alemão em casa, frequentar associação comunitária/cultural e relatar esforços para manter os hábitos alemães no Brasil por meio das vestimentas, músicas e culinária), os indivíduos foram classificados em grupos Germânico e Não germânico. A partir do sangue coletado foram analisados o perfil lipídico (colesterol total - CT, HDL-c, LDL-c, VLDL, Não-HDL, triglicerídeos - TG), Índice de Castelli I (ICI), Índice de Castelli II (ICII), enzimas hepáticas (gama-glutamyltransferase - GGT, aspartato aminotransferase - AST e alanina aminotransferase - ALT), glicose e frutose plasmática. Da amostra investigada (n=597), 68,3% pertenciam ao grupo Germânico, onde o sexo feminino foi o mais frequente em ambos os grupos (Germânicos= 56,7%; Não germânicos= 57,5%, p=0,892), e predominantemente adultos entre 30 e 60 anos. Em relação às doenças autorrelatadas, o grupo Germânico apresentou maior prevalência de HAS (41,9% versus 24,7%; p<0,001) que o grupo Não germânico, sendo confirmado pela maior frequência no uso de medicamentos anti-HAS (35,1% versus 21,7%; p=0,002) e pela maior pressão arterial sistólica observada (126 mmHg versus 121 mmHg; p<0,001) e valores superiores no sexo masculino. Os homens do grupo Germânico apresentaram valores superiores de peso, IMC e CC quando comparados às mulheres e ao grupo Não germânico. Perfil oposto foi observado para o percentual de MG que foi superior no grupo feminino. O grupo Germânico teve maior risco de complicações cardiovasculares associado à elevada CC (72% versus 53%. p<0,001). Embora os grupos Germânico e Não germânico tenham apresentado perfil lipídico e enzimas hepáticas semelhantes, os indivíduos do sexo masculino em ambos os grupos apresentaram maiores valores de glicemia, frutose, enzimas hepáticas e ICI e II, assim como menores valores de HDL-c, quando comparados às mulheres. A estimativa do risco cardiovascular mostrou que os indivíduos do grupo Não germânico apresentaram maior frequência de alto risco cardiovascular. Observamos que a frutose plasmática no grupo Germânico se correlacionou positivamente com a CC (p=0,001), perfil lipídico (TG, TG/HDL, p<0,001), enquanto observou-se correlação negativa com o HDL-c (p<0,001). Os indivíduos do grupo Germânico apresentaram um risco de ter elevada concentração de frutose 75% superior ao grupo Não germânico e o dobro de chances de terem HAS, e CC com valores indicativos de elevado RCV, porém menor chance de terem DLP. Com base nestes resultados podemos concluir que a preservação da cultura germânica se associou ao elevado consumo de frutose e essa manteve relação com elevada adiposidade, pressão arterial, diabetes mellitus e esteatose hepática, entretanto não houve impacto no perfil lipídico e na estimativa do risco cardiovascular.

Key-words: Frutose, Risco cardiovascular, Cultura germânica, Esteatose hepática.

Support: CNPq (Proc 406294/2021-6) e INCT-FCx

References:

- [1] CHEN, L et al. *Circulation*, v.121, n.22, p.2398,2010.
- [2] D’AGOSTINO, SR et al. *Circulation*, v. 117, n.6, p. 743-753, 2008.
- [3] DE SOUSA, E.L.H., et al. *Clinical Biochemistry*, v. 75,p. 7-14, 2020.